



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

APONTAMENTOS SOBRE A DIMENSÃO IMAGINATIVA DA EXISTÊNCIA NEGRA NAS CIDADES

Gabriela Leandro Pereira ¹

Resumo: O artigo tem como motivação, a construção de uma reflexão sobre a pouca expressividade com a qual os estudos no campo da arquitetura, urbanismo e planejamento urbano, abordam a relevância da presença negra nos processos de produção da cidade. Busca-se então a construção de um diálogo com outros campos, como o universo das artes, através de algumas criações que aparentam elaborar enfrentamentos mais efetivos frente aos apagamentos em questão. Da ficção científica ao romance histórico, a experiência da população negra revela-se como uma ficção absurda do cotidiano. É sobre dimensão imaginativa da existência negra nas cidades e sobre a possibilidade de construir futuros que este ensaio se debruça, visando produzir algumas dobras no epistemicídio, que historicamente delimita o entendimento sobre as cidades diaspóricas, como Salvador. Para tal feito, o Atlântico assume o lugar de centro gravitacional do mundo (e das cidades) e as relações e intercessões por ele produzidas, são tomadas como chaves que viabilizam o acesso à ambientes de temporalidades variadas, repletos de inscrições e grafias, onde outros mundos e cidade emergem como possíveis.

Palavras-chave: cartografia, cidade, memória; diáspora

APONTAMENTOS SOBRE A DIMENSÃO IMAGINATIVA DA EXISTÊNCIA NEGRA NAS CIDADES

O artigo tem como motivação, a construção de uma reflexão sobre a pouca expressividade com a qual os estudos no campo da arquitetura, urbanismo e planejamento urbano, abordam a relevância da presença negra nos processos de produção da cidade. Pretende-se também, lançar elementos que contribuam para o enfrentamento da questão, expondo alguns apontamentos oriundos do primeiro ano de pesquisas e projetos (2017-2018) realizados pelo eixo “Presença Negra na Produção da Cidade”², vinculado ao grupo de pesquisa Lugar Comum (FAUFBA).

¹ Doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/FAUFBA). Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFBA. gabriela.leandro@ufba.br

² O eixo “Presença Negra na Produção da Cidade” foi criado em 2017 e desde então é por mim coordenado.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

O eixo estrutura-se tendo como foco de suas reflexões, um diálogo entre diferentes dimensões da presença da população negra na produção da cidade com uma perspectiva ampliada das diferentes dimensões que compõem os campos da arquitetura, do urbanismo e do planejamento urbano. Estiveram em desenvolvimento neste primeiro ano cinco projetos: 1.Narrativas e cartografias da presença negra na cidade de Salvador nos séculos XIX e meados do XX; 2.Arquitetas e Arquitetos negros pelo mundo: mapeamento da presença negra no campo da arquitetura, urbanismo e planejamento urbano; 3.A Presença negra no centro antigo de Salvador: saberes, fazeres e ofícios; 4.Protagonismo popular e ancestral na produção da cidade de Salvador: os artífices da Ladeira da Conceição da Praia; 5.Presença/ausência negra no currículo do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFBA³.

Todos os projetos citados versam sobre a necessidade da descolonização dos saberes na formação em arquitetura e urbanismo, e articulam-se pela intenção de se realizarem menos como projetos encerrados em si mesmos, e mais enquanto desencadeadores de conexões e caminhos para desdobramentos que se seguem. Ao deslocarem dos lugares habituais, conteúdos, leituras, produções, sujeitos, narrativas, manifestações da presença negra e trazê-las sob julgo de outros regimes de visibilidades, tais projetos passam a disputar também, uma certa ideia de legitimidade. No entanto, ocupar outros lugares não se realiza pela mera inversão de coordenadas, mas pela reconfiguração de sentidos e significados. Tal reconfiguração mostra-se um desafio para o campo em questão. Embora em muitos campos disciplinares e áreas de conhecimento específicas, os estudos em torno das dimensões raciais e da negritude tenham uma trajetória já extensa e consolidada, no campo da arquitetura e do urbanismo, tais abordagens, sobretudo no Brasil, não se realizaram com expressividade. Os efeitos das forjadas teorias em torno de uma suposta “democracia racial” ainda povoam argumentos que visam deslegitimar a necessidade de

³ Participaram dos projetos desenvolvidos neste primeiro ano os estudantes de graduação em arquitetura e urbanismo pela UFBA Jailton Barbosa, Paula Milena Lima, Caroline Souza, Jairo Santos, Sofia Costa, Laiza Bastos e Raysa Rosário; a estudante de graduação do Bacharelado Interdisciplinar em Artes pela UFBA Alana Karolyne Santos; além do Prof. Dr. André Araujo de Oliveira, docente da Universidade Federal do Sul da Bahia.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

investigações que se atentem para o tema, enquanto naturaliza-se a exaltação a contribuição dos imigrantes europeus, sem que a eles seja atribuída quaisquer conotações raciais. Como afirma Sueli Carneiro (2005:33)

[...] o dispositivo de racialidade vem se constituindo historicamente em elemento estruturador das relações raciais no Brasil e que, dentre os componentes dos dispositivos de racialidade que ele articula, o epistemicídio tem se constituído no instrumento operacional para a consolidação das hierarquias raciais por ele produzidas, para as quais a educação tem dado contribuição inestimável.

É preciso dizer o óbvio, ainda que pareça absurdo. Evocar a necessidade de se reposicionar no campo tem a ver menos como negação do outro (o rastro europeu) e muito mais com a reivindicação de reparação de uma existência que se paute não na carência, mas no que ela é. Para que um lugar compartilhado no mundo seja possível, Achile Mbembe (2014: 304-305) aponta que

Para construir este mundo que é nosso, será necessário restituir àqueles e aquelas que passaram por processos de abstração e coisificação na história, a parte da humanidade que lhes foi roubada. Nesta perspectiva, o conceito de reparação, para além de ser uma categoria econômica, remete para o processo de reunião de partes que foram amputadas, para a reparação de laços que foram quebrados, reinstaurando o jogo da reciprocidade, sem o qual não se pode atingir a humanidade. [...] Reparação há que explicar, porque a história deixou lesões e cicatrizes. O processo histórico foi, para a grande parte da nossa humanidade, um processo de habituação à morte do outro – morte lenta, morte por asfixia, morte súbita, morte delegada. Esta habituação à morte do outro, daquele ou daquela com quem se crê nada haver para partilhar, estas formas múltiplas de enfraquecimento das fontes vivas da vida em nome da raça ou da diferença, tudo isso deixou vestígios muito profundos, quer no imaginário e na cultura, quer nas relações sociais e econômicas. Tais lesões e cicatrizes impedem de fazer comunidade. De fato, a construção do comum é inseparável da reinvenção da comunidade.

Se a reparação de um processo histórico de apagamento é uma condição para que se atinja a humanidade, como propõe Mbembe, entende-se que recompor a capacidade imaginativa da existência é também uma outra face (talvez consequência) de uma mudança que, no entanto, exige urgência. Se pensarmos que o fazer cidade, por arquitetos, urbanistas e planejadores, passa por projetar futuros, ficcionar realidades, povoar devires, é possível dimensionarmos o tamanho do estrago produzido por séculos de existência suprimida. Como projetar aquilo que nem está?



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Ao que parece, o universo das artes - embora também permeado por disputas e cerceamentos – tem apresentado enfrentamentos mais efetivos aos apagamentos em questão. Como vemos no texto de Kenia Freitas, curadora da mostra “Afrofuturismo: cinema e música em uma diáspora intergaláctica”, Mark Dery cunha o termo Afrofuturismo para designar “criações artísticas que, por meio de ficção científica, inventam outros futuros para as populações negras atuais” (FREITAS, 2015:5). A existência da população negra e a ficção científica, são, nas palavras de Kudo Eshun, uma e a mesma coisa, pois a própria experiência da população negra é uma ficção absurda do cotidiano ⁴. Samuel R. Delany, escritor de ficção científica, também aponta os apagamentos como questão que impacta a dimensão imaginativa dos futuros. De acordo com Freitas (2015:5-6)

Para o escritor de ficção científica Samuel R. Delany, há uma ligação direta entre a privação da construção de um passado (imagético e/ou documental) das populações negras em diáspora pós escravidão e a (até recentemente) escassa produção de imagens futuras para as populações negras.

[...] O que veremos na tela, então, é uma história fragmentada de uma história que só pode ser fragmentada. O fragmento tira os conectivos de oposição entre os elementos díspares, não gera teses (antíteses ou sínteses). O fragmento são todas as histórias, todos os restos, os pedaços, as narrativas que não foram apagadas. A história da diáspora africana é feita de apagamentos: desde o início, da África para as Américas (a ancestralidade perdida), passando pela escravidão (os documentos queimados), até a atualidade (o genocídio da juventude negra e pobre). Então, incorporar o não narrado, os buracos que se formaram em anos de borracha, faz parte da empreitada afrofuturista de criar outras possibilidades históricas.

Podemos citar, produções artísticas diversas, realizadas por artistas negras e negros, brasileiros e estrangeiros, que se conectam por esse mesmo sentido: recriar passados para reposicionar o presente e o futuro. Octávia Butler, referência na ficção científica norte-americana, proporciona em livros como “Kindred: laços de sangue” ⁵, encontros que se realizam a partir de elementos fantasiosos, como portais mágicos que se abrem em paredes de uma casa em Los Angeles, na Califórnia, e sugam seus personagens para um encontro com seus ancestrais. Nessa espécie de máquina do tempo, as lacunas do passado escravista podem ser preenchidas e ressignificam a

⁴ FREITAS, 2015.

⁵ O livro foi publicado em 1979 nos EUA e só em 2017 traduzido para o português.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

vida presente mudando radicalmente o futuro por vir. Na abertura do livro, Butler escreve: “Comecei a escrever sobre poder porque era algo que eu tinha muito pouco”. É sobre esse poder de tomar as rédeas das narrativas sobre a história, sobre o passado e de protagonizar os futuros imaginários que versa sua produção.

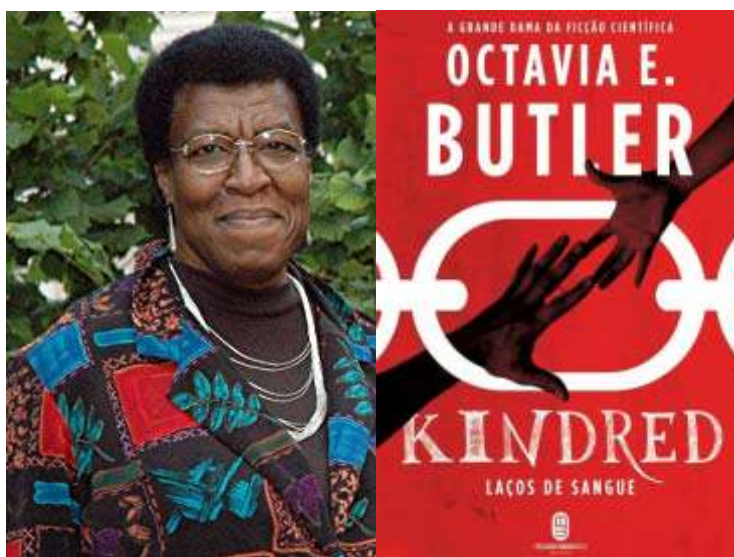


Figura 1: Octávia Butler e a capa de seu livro Kindred. Fonte: <https://www.imdb.com/name/nm1175129/>

No cinema, para além do aclamado Pantera Negra (2018), ou do polêmico Get Out (2017), temos na produção nacional, curtas como os produzidos pela Filmes de Plástico, produtora de Contagem-MG, que alçam ao fantástico episódios do cotidiano negro nas cidades brasileiras. “Quintal” (2015) tem como protagonista um casal de idosos que vivencia uma série de eventos paranormais que acontecem no quintal de sua casa; e “Rapsódia para um homem negro” (2015) acompanha Odé, jovem negro que tem seu irmão assassinado durante um conflito em uma ocupação em Belo Horizonte (MG), e sua busca por vingança, na qual são mobilizadas alegorias e simbolismos de sua ancestralidade. Vale ressaltar que, assim como na literatura, o cinema negro tem reivindicado um lugar de existência e tem provocado discussões riquíssimas no universo da realização audiovisual.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

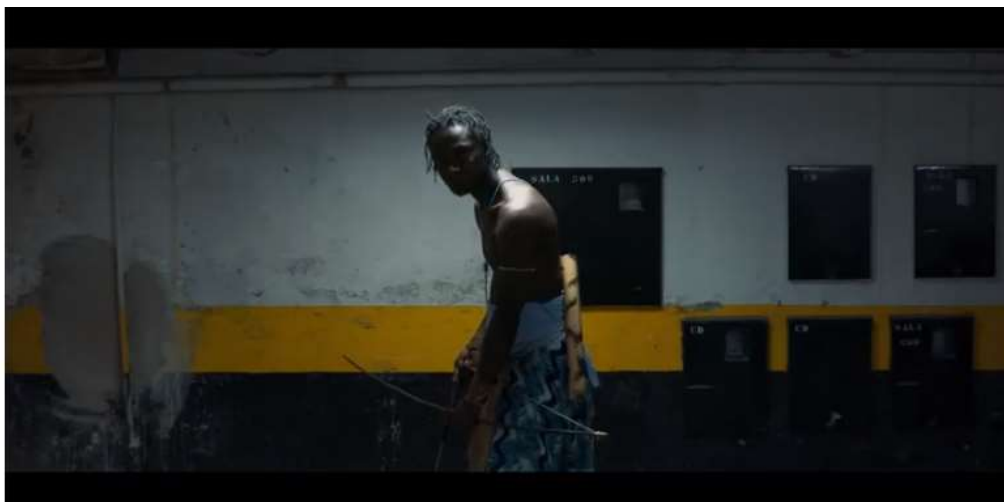


Figura 2: Personagem Odé em cena do filme “Rapsódia para um homem negro”, 2015, Filme de Plástico

Ainda no universo dos curtas-metragens, o *Robots of Brixton*, de Kibwe Tavares⁶ (2011), denuncia um futuro cibernético no qual continuam presentes os embates e conflitos que desde 1981 assombram o bairro de Brixton. Abrigo da população negra afro-caribenha em Londres, Brixton já foi tido como um dos bairros mais perigosos da cidade, argumento utilizado para legitimar as ações truculentas e desmedidas por parte da polícia. Em *Robots of Brixton*, as revoltas dos moradores contra os abusos policiais, são retomadas em um conjunto de imagens apocalípticas de um futuro em ruína tecnológica, no qual um novo/antigo confronto se realiza. Os jovens robôs sobrevivem no fim da vida urbana, cercados de pobreza e desilusão, quando a polícia invade o único espaço que podem chamar de seu. A tensão entre os dois lados explode em um surto de violência, tal qual vivenciado em 1981. O enfrentamento, o embate e a colisão são assim apontados como condições da existência negra, mesmo num futuro mutante dos homens-máquinas de cabelos encrespados (detalhe da construção estética que não deixa dúvida sobre quais vidas se está fabulando).

⁶ Mais imagens do trabalho de Kibwe Tavares em <https://www.flickr.com/photos/54115319@N02/albums/72157625404586140>



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



Figura 3: Cenas do em cena do filme “Robots of Brixton”, 2011, Kibwe Tavares

Entendemos nas reflexões construídas até aqui, que pensar a presença negra em uma perspectiva diaspórica, não se restringe à reivindicação de um passado comum, de uma origem em África como única possibilidade de conexão destes vários presentes em várias cidades pelo mundo. Mas pensar a presença negra sob a perspectiva diaspórica significa pensá-la também enquanto conexão de futuros. E é isso que essas produções Afrofuturistas trazem como pauta. Quando aproximamos a “Shanty Megastructures”, do designer e arquiteto nigeriano, residente no Brooklyn, Olalekan Jeyifous, apresentada na exposição “The African Mobilities Exhibition”⁷ (Munich, 2018), de curadoria de Mpho Matsipa, da Brixton futurista de Kibwe Tavares, percebemos mais que não se tratam de distopias aleatórias. Inspirada em uma Lagos futurista, cuja tensão entre o construído, o arruinado, a natureza e o adensamento urbano se dão, percebemos que tanto a Shanty Megastructures, se aproxima da Brixton do futuro, por mobilizarem para tais projeções, o gueto em sua complexidade,

⁷ Website da exibição: <http://africanmobilities.org>



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

em seu acúmulo, em colagens e sobreposições de elementos, símbolos, espacialidades e dinâmicas de cidades em constante processo de ebulição. O que se expõe, ao potencializar esses avessos, é menos um movimento por vir, e mais um que já é. São extremos de arranjos cotidianos, cujas engenhocas são cuidadosamente preparadas, manuseadas, recolocadas e alocadas na engrenagem da cidade.

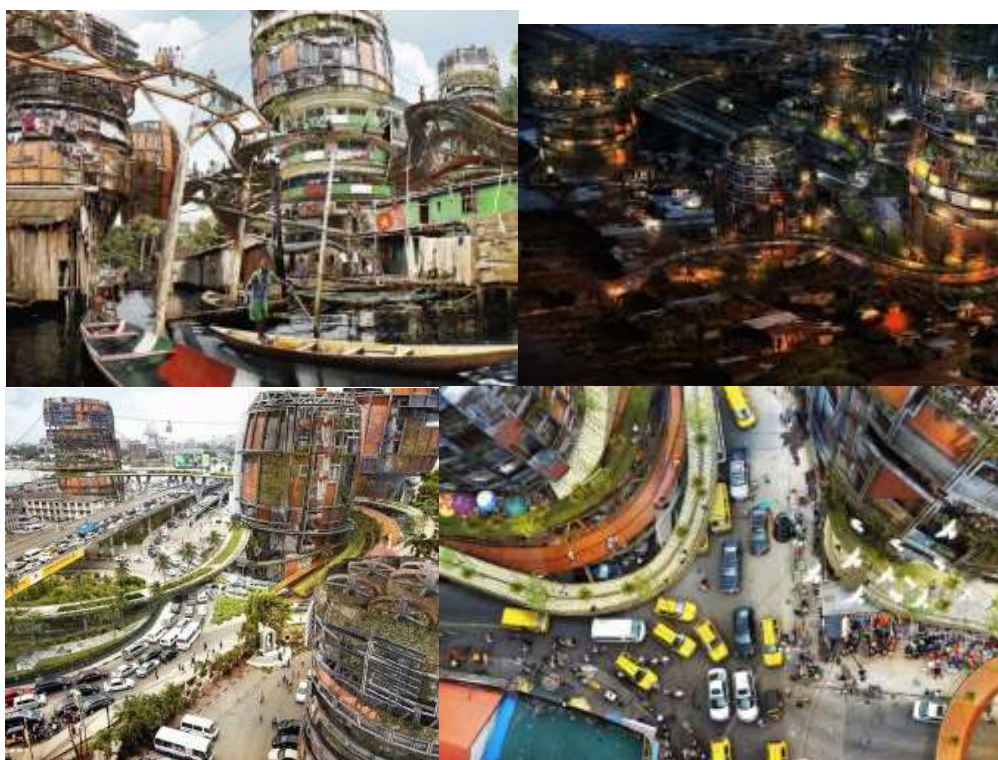


Figura 4: Shanty Megastructures, de Olalekan Jeyifous (2018). Fonte: <https://www.architekturmuseum.de/en/exhibitions/african-mobilities-not-refugee-camp-exhibition/>

CARTOGRAFIAS TRANSATLÂNTICAS

Entre Los Angeles-Belo Horizonte e Brixton-Lagos, as quatro referências até aqui apresentadas, temos um mar - duas de cada lado do Atlântico. A existência e a experiência negra no mundo, foram por elas mobilizadas como insumo criativo para as fabulações literárias, cinematográficas e visuais.

Em livro lançado em 1993, Paul Gilroy recorre metaforicamente às estruturas transnacionais criadas na modernidade e ao sistema de comunicações globais



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

marcado por fluxos e trocas culturais, para construir a ideia de um Atlântico Negro. É pela rede que se estabelece através dos deslocamentos marítimos da modernidade, que as populações negras africanas em diáspora, se constituíram híbridas, já que deslocadas de seus territórios étnicos ou de suas fronteiras nacionais. Gilroy elenca o navio como sua principal unidade analítica, por representar "um sistema vivo, microcultural e micropolítico em movimento, que coloca em circulação, idéias, ativistas, artefatos culturais e políticos" (2001: 38).

O hibridismo enquanto condição da modernidade negra em diáspora, defendido por Gilroy, minimiza a fixação pelas origens enquanto uma busca fundamental. Frantz Fanon, em seu livro *Pele Negra, Máscara Branca* (2008), nos revela o quão angustiante é a ausência de referências próprias (p.118)

Revirei vertiginosamente a antiguidade negra. O que descobri me deixou ofegante. No seu livro *L'abolition de l'esclavage*, Schoelcher nos trouxe argumentos peremptórios. Em seguida Frobenius, Westermann, Delafosse, todos brancos, falaram em coro de Ségou, Djenné, cidades de mais de cem mil habitantes. Falaram dos doutores negros (doutores em teologia que iam a Meca discutir o Alcorão). Tudo isto exumado, disposto, vísceras ao vento, permitiu-me reencontrar uma categoria histórica válida. O branco estava enganado, eu não era um primitivo, nem tampouco um meio-homem, eu pertencia a uma raça que há dois mil anos já trabalhava o ouro e a prata.

Para nós, a apropriação ontológica de África, como celebra Fanon, é um desafio constante. No movimento de idas e vindas no tempo, esboçados até aqui, o Atlântico é um dos acessos para que tal que travessia se realize. Ele significa nossa interseção em um lugar entre, nossa encruzilhada do mundo e das cidades que dela se originam. Para Leda Martins (2003:70),

A noção de encruzilhada, utilizada como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se entrecruzam, nem sempre amistosamente, práticas performáticas, concepções, cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos, enfim.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

É das/nas encruzilhadas dos trânsitos atlânticos e movimentos de durações variadas, provisórias ou permanentes, que as relações por elas produzidas tornam-se chaves que viabilizam o acesso à inscrições e grafias onde outras cidades emergem como possíveis.

No nosso caso, retomar o Atlântico e imputar nele a densidade dos processos que se tornaram parte constituinte da existência negra no mundo, principalmente a partir do século XVI, tem como questão a produção de relações que não se encerram nem naufragam no próprio mar. Há um respiro no outro lado como horizonte, assim como um encontro recíproco, não em termos de precisão histórica, ou de genealogias estreitas, mas no reconhecimento de lutas e estratégias de sobrevivência. Lelia Gonzalez, em texto intitulado “A categoria político-cultural de Amefricanidade”, expõe sobre como as marcas que evidenciam a presença negra na construção cultural do continente americano, levaram-na a pensar a necessidade de elaboração de uma categoria que não restringisse apenas ao caso brasileiro e que, efetuando uma abordagem mais ampla, levasse em consideração as exigências da interdisciplinaridade. Desse modo, cunha o termo amefricanidade⁸.

Graças a um contato crescente com manifestações culturais negras de outros países do continente americano, tenho tido a oportunidade de observar certas similaridades que, no que se refere aos falares, lembram o nosso país. É certo que a presença negra na região caribenha (aqui entendida não só como a América Insular, mas incluindo a costa atlântica da América Central e o norte da América do Sul) modificou o espanhol, o inglês e o francês falado na região (quanto ao holandês, por desconhecimento, nada posso dizer). [...] Desnecessário dizer o quanto tudo isso é reconstruído pelo véu ideológico do branqueamento, é recalçado por classificações eurocêntricas do tipo “cultura popular”, “folclore nacional” etc., que minimizam a importância da contribuição negra.

⁸ GONZALEZ, 1998:71.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

É disso que se trata a retomada do Atlântico aqui pensada e é através dele que se visa a realização de cartografias que vazem a terra, reconfigurem as bordas, que não caibam nelas mesmas, mas que do contrário, só sejam possíveis se extensas. É o refazimento das relações do lado de lá, cá, e é também inundação. É reinvenção também. É superfície mansa, turbulência, redemoinho e maremoto. É providenciar os túmulos para os que se foram e também construir caminhos para os novos meninos.



Figura 5: Peça da exposição “Atlântico Vermelho”, de Rosana Paulino (2017). Fonte: <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/category/atlantico-vermelho/>

Na exposição “Atlântico Vermelho” (2017), Rosana Paulino, artista visual paulistana, tece com linha, agulha e retalhos de pano, um mar que sangra. Faz pulsar nosso mar. Do lado de cá, Leda Martins (2003) afirma que a cultura negra é, epistemologicamente, também o lugar da encruzilhada⁹. Para a autora o “tecido cultural brasileiro, por exemplo, deriva-se dos cruzamentos de diferentes culturas e sistemas simbólicos, africanos, europeus, indígenas e mais recentemente, orientais”. Ao mesmo tempo, denuncia que “a textualidade dos povos africanos e indígenas e seus repertórios narrativos e poéticos, seus domínios e linguagens e modos de

⁹ Leda Martins desenvolve um interessante conceito de afrografia vinculados ao universo da textualidade oral afro-brasileira, focalizando os Reinos Negros e os Congados em Minas Gerais, recriando a história da Irmandade de N. S. do Rosário do Jatobá.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

apreender e figurar o real”, foram deixados à margem¹⁰. A autora destaca ainda que em “toda grafia, em todo traço que, como significante, traz em si mesmo as lacunas e rasuras do próprio saber”. Nesse sentido, e tomando como referência os Congados mineiros, Martins nos reconforta afirmando que “o esquecimento também é da ordem da incompletude”¹¹. Ainda segundo ela (MARTINS, 2003:79):

Nas genealogias de sua performance, os congadeiros irrigam os pergaminhos da História e nos restituem um sujeito que, clivado de memória, cartografa, com seu corpo arlequinado, os muitos matizes da cultura brasileira e dos territórios americanos.

Parece potente pensar em uma cartografia diaspórica, transatlântica, afrocentrada. Para tanto, recorremos à Assante para quem (2009:93)

A ideia afrocêntrica refere-se essencialmente à proposta epistemológica do lugar. Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base em uma localização centrada em África e sua diáspora. [...] A afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses.

Fanon, novamente nos relembra que a reivindicação de uma história própria, ou de uma história afrocentrada, para utilizara a lógica apresentada por Assante, é desencorajada, minimizada e infantilizada (2008:120):

“Deixe pra lá sua história – disseram-me então – deixe suas pesquisas sobre o passado e tente adaptar-se ao nosso passo. Em uma sociedade como a nossa, extremamente industrializada, científica, não há mais lugar para a sua sensibilidade. É preciso ser duro pra vencer na vida. Não se trata mais de jogar o jogo do mundo e sim de sujeitá-lo a golpes de integrais e de átomos”. Claro, de vez em quando diziam-me também: “Quando estivermos cansados da vida em nossos arranha-céus, iremos até vocês como vamos às nossas crianças... virgens... atônitas... espontâneas. Iremos até vocês que são a infância do mundo. Vocês são tão verdadeiros nas suas vidas, isto é, tão folgados... Deixemos por alguns momentos nossa civilização cerimoniosa e educada e debrucemo-nos sobre essas cabeças, sobre esses rostos adoravelmente expressivos. De certo modo, vocês nos reconciliam com nós próprios.

¹⁰ MARTINS, 2003:64.

¹¹ MARTINS, 2003:79



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Ao se voltar para o contexto brasileira, Abidias Nascimento (1980, p.140) coloca na berlinda não o tratamento dado ao negro que busca suas próprias epistemologias, mas a própria elite brasileira, colocando em xeque sua suposta capacidade intelectual: Quem se desse ao trabalho de proceder ao exame e de fazer a história da inteligência brasileira teria que fatalmente chegar ao resultado de que tudo não passa de um dossiê assustador do racismo mais impenitente. O biombo tradicional do paternalismo luso-brasileiro para velar a prática racista brutal e cruel do escravismo, se transferiu, em toda sua componente psico-sócio-cultural, para os herdeiros da herança colonial, quer dizer, a sociedade dominante e dominadora da atualidade.

Os fragmentos aqui apresentados das ideias de Martins, Fanon, Assante e Nascimento, reforçam nossa crença na urgência em se rever o falacioso, falido, obtuso e racista projeto moderno de conhecimento. Para Sueli Carneiro (2005:60), Via de regra a produção branca e hegemônica sobre as relações raciais dialoga entre si, deslegitimando a produção dos pesquisadores e ativistas negros sobre o tema. Isso é claramente manifesto nas listas bibliográficas utilizadas onde, via de regra, figuram autores negros não-brasileiros, ou no fato de quão poucos intelectuais negros brasileiros alcançaram prestígio nacional e internacional.

Como forma de demarcar simbólica e textualmente a necessidade de construir uma dobra no curso das epistemologias que operam nos apagamentos de nossas gramáticas, Lelia Gonzalez (1998:76-77) propõe:

Quanto à nós, negros, como podemos atingir uma consciência efetiva de nós mesmos, enquanto descendentes de africanos, se permanecemos prisioneiros, “cativos de uma linguagem racista”? por isso mesmo, em contraposição aos termos supracitados, eu proponho o de amefricanos (“Amefricanos”) para designar a todos nós (González, 1988c).

[...] a América, enquanto sistema etnogeográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos. Por conseguinte, o termo amefricanos/amefricanos designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro, como a daqueles que chegaram à AMÉRICA muito antes de Colombo. Ontem, como hoje, amefricanos oriundos dos mais diferentes países têm desempenhado um papel crucial na elaboração dessa Amefricanidade que identifica, na Diáspora, uma



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

experiência histórica comum que exige ser devidamente conhecida e cuidadosamente pesquisada. Embora pertencamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o mesmo em todas elas, ou seja: o racismo, essa elaboração fria e extrema do modelo ariano de explicação, cuja presença é uma constante em todos os níveis de pensamento, assim como parte e parcela das mais diferentes instituições dessas sociedades.

Finalizamos esse artigo chamando Salvador para jogo, através de Gonzalez ainda. A autora, que aponta para a necessidade de construção de um olhar “novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma” e destaca a capital baiana como um espaço de inflexão. Salvador é considerada pela autora como o lugar das “sobrevivências” de culturas africanas, embora afirme que essa perspectiva (a da “sobrevivência”) só existe devido á “cegueira em face da explosão criadora de algo desconhecido”, a nossa Amefricanidade. Como aponta Muniz Sodré, no terreiro, nas festividades, no lúdicos, resguardamos elementos ancestrais de nossa existência, cuja presença se vive ainda nos dias atuais.

Nas ruas da cidade, estão os que ali sempre estiveram. Os cantos, sistema de organização das tarefas de ganho que originou lugares estratégicos na cidade para ajuntamentos de ganhadores, tanto escravos quanto libertos, geralmente pertencentes à mesma nação, estiveram inscritos na cidade de forma que os fregueses podiam e sabiam, exatamente, onde requerer os seus serviços .

Chamar Salvador para o jogo, é tentar acessá-la e produzir com ela cartografias transatlânticas. Isso significa trazer como crivo a desconfiança em relação ao que se produz de conhecimento sobre essa cidade. Tomemos como exemplo um guia da cidade, lançados em 1951, “Beabá da Bahia: guia turístico”, de José Valladares (1971-1959). O livro tem a capital baiana como objeto principal de suas narrativas, e apresenta versões da cidade, na qual a presença negra é em determinados momentos alegórica, em outros ridicularizadas, em outros inominavelmente abordadas. Docente da cadeira de estética e história da arte brasileira e das criações do barroco colonial



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

na Universidade Federal da Bahia, José Valladares era também especialista em história da arte na Universidade de New York, fundador e diretor do Museu de Arte da Bahia (1939-1959).

O guia, que é acompanhado de um Mapa Pitoresco e Resumido da Cidade da Bahia em 1950, traz informações sobre a configuração da cidade, número de habitantes, clima, latitude e longitude, algumas informações históricas e um roteiro para o visitante da cidade acompanhados das ilustrações do artista plástico Carlos Thiré. Dos absurdos que permeiam o livro, chama a atenção um capítulo específico que tem o título de Bahia Pitoresca, e subtítulo “Preconceito de cor”. Ilustrado com imagens dos saveiros nas proximidades da rampa do mercado em uma folha e da Feira de Água de Menino na outra, o texto inicia-se por afirmar que a grande maioria da população da Bahia é de mestiços de todos os matizes e suas variantes. “No entanto, a população vai clareando”, afirma. O motivo de tal clareamento se daria, nas falas do autor pelo fato de que “há crioulas de ‘barriga limpa’. Seus filhos, sento também filhos de homens mais claros, puxam ao pai. Talvez a Bahia seja um cidade com muitas pretas e mestiças de barriga limpa”. Ao comparar com o contexto de Salvador com cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Nova Iorque e Chicago, afirma: “graças à discriminação racial, vão-se enchendo de pretalhões puro sangue. Eles que resolvam seu ‘big’ problema, que o nosso sabemos resolver. E com que satisfação...!” . Sobre o candomblé, Valladares afirma que a cidade deve a ele “um de seus melhores ornamentos: a baiana de saia rodada, blusa e turbante, pulseiras e colares multicores. E talvez o curioso senso artístico de sua população [...]” . Em outro trecho, Valladares aproveita para desqualificar os mercados e feiras da cidade, lugares de trabalho e consumo da população negra (2012:87):

Os mercados e feiras são muito bonitos em fotografia e no cinema. Grande riqueza plástica, tanto nas mercadorias expostas – cerâmica, frutas, mantas de carne seca, cestaria – como nas pessoas que lhes dão vida – possantes negros e mestiços de torso nu, mulheres de saia rodada, adolescentes. Mas são também locais de grande falta de higiene, que muito maltratam qualquer narina menos afeiçãoada aos piores odores picantes.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Já se olharmos a cidade, a partir de escritoras como Cidinha da Silva, veremos a cidade se tornar um quiabal “na manhã que antecede o dia saudar o Rei”¹². Teremos uma cidade nas quais “por todos os cantos e rua, vendedores, moços e velhos, oferecem quiabos frescos, graúdos e belos, já ensacados”. Através de Cidinha, os vendedores de quiabos são reposicionados “nas esquinas do mundo”, são “súditos do Rei”, “devotados a onrar o nome dele pela palavra empenhada na qualidade do quiabo”.

A distância entre Cidinha e Valladares não está só na temporalidade ou na intencionalidade dos dois documentos. Ela está no regime de visibilidades que mobilizam para acessar a cidade Salvador e suas existências. A narrativa elaborada por Valladares é carregada de toda ordem de preconceitos, sobre os quais Gonzalez (1988:72) associa às sociedades de origens latinas, da qual Salvador, definitivamente, está indubitavelmente inserida:

[...] no caso das sociedades de origem latina, temos o racismo disfarçado ou, como eu o classifico, o racismo por denegação. Aqui, prevalecem as “teorias” da miscigenação, da assimilação e da “democracia racial”. A chamada América Latina que, na verdade é, muito mais ameríndia e amefricana do que outra coisa, apresenta-se como melhor exemplo de racismo por denegação.

Ao produzir-se respaldada no desejo da miscigenação como “solução” para a cidade, a narrativa de Valladares “adapta” as ferramentas descritivas que possui para textualmente inscrever a cidade em seu guia, de forma tal que a presença negra ocupasse nele, um lugar folclórico, jocoso, pitoresco. Mais do que isso, ele desqualifica, desmoraliza, descarta e elimina a possibilidade de acessar essa cidade a partir de entradas pelas quais outras dimensões da existência pudessem surgir.

Podíamos elencar outros intelectuais cujas gramáticas direcionadas à cidade, produzem tanto epistemicídio (CARNEIRO, 2005) quanto o texto do referido guia,

¹² Crônica intitulada “Direito à Cidade”, no livro O Homem azul do deserto, 2018.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

como modo de fomentar distanciamentos ao que se refere à esse “Negro” e sua relação com a cidade, relegando-a ao lugar da subalternidade e da inferioridade.

Já em Cidinha da Silva, o movimento é oposto. Sua narrativa se inscreve mobilizando uma cidade cuja existência revela-se ao acessar uma gramática negra afrodiaspórica, cuja densidade e aprendizagem se pautam por categorias, práticas, presenças, lugares, significados bem definidos, ordenados e reconhecíveis para aqueles cujos códigos são familiares. A “esquina do mundo” se conecta tantos a diversos outros lugares da cidade, quanto reclama o Atlântico. Se define através de práticas e ritos, cuja temporalidade configura, ciclicamente, o lugar. Ao chamar tal crônica de “Direito à Cidade”, Cidinha provoca o leitor, habitué do repertório formulado pela disciplina de urbanismo e do planejamento urbano, um estranhamento. Ela traz para o jogo, chaves, códigos e linguagens tão próprias e indissociáveis dessa cidade, que assim, desnudada em texto, revela o tamanho do desperdício promovido pela racionalidade limitada e insuficiente que sempre pautou a construção desse campo disciplinar.

Por fim, concluindo provisoriamente as provocações apresentadas acima, evocando o ideograma adinkra do pássaro que volta a cabeça à cauda, Sankofa, por percebermos nesta inscrição, um movimento basilar para a investigação em questão. Sankofa significa “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”. Entendemos que as referências citadas nesse ensaio, da crônica de Cidinha por último à ficção científica de Octávia Butler primeiro, operam nesse sentido. Não se trata da formulação de procedimentos e operações arqueológicas, mas de experiências de criação artísticas produzidas a partir da feitura de lentes e chaves próprias disputando os regimes de visibilidade estabelecidos hegemonicamente. Ao fazê-las, incidem sobre a dimensão imaginativa das existências negras em seu habitat, nesse caso as cidades, cravando espaço para a possibilidade e criação de novos futuros.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). São Paulo: Selo Negro, p. 93-110, 2009.

AMADO, Jorge. Bahia de Todos-os-Santos: guia de ruas e mistérios de Salvador. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo-São Paulo, 2005.

COSTA, Ana de Lourdes da. A cidade de Salvador e os negros de ganho – Espaços Negros: cantos e lojas em Salvador no século XIX. Caderno CRH. Suplemento, p. 18-34, 1991

FANON, Frantz, Pele negra máscaras brancas.- Salvador: EDUFBA, 2008.

FREITAS, Kenia. Afrofuturismo: cinema e música em uma diáspora intergaláctica.- São Paulo Caixa Cultural, 2015.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001/MBEMBE, Achille. Crítica da Razão Negra.- Lisboa. Ed. Antígona, 2014.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, No. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. Letras (Santa Maria), Santa Maria, v. 25, p. 55-71, 2003.

NASCIMENTO, Abdias do. O Quilombismo. Editora Vozes Ltda. – Petrópolis, RJ, 1980.

OLIVEIRA, André Luiz de Araujo; PEREIRA, Gabriela Leandro; SANTOS, Edmilson R. dos Santos [et. al.]. Universidade Federal da Bahia – FAUFBA: Salvador, 2017.

SILVA, Cidinha da. O Homem azul do Deserto. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

VALLADARES, José. Beabá da Bahia: guia turístico.- 2ª ed. – Salvador: EDUFBA, 2012.